

Cancro, a fatalidade de sempre?

17 de Fevereiro de 2021



Ilustração: André Caetano

O diagnóstico de cancro é, sem dúvida, um acontecimento pesado, com impacto socio-económico a diversos níveis, transportando uma carga emocional de difícil autogestão por parte dos doentes, que se veem mergulhados numa realidade inultrapassável, mas que cada vez mais dispõem de ferramentas inovadoras de tratamento e estratégias de diagnóstico precoce.

Como se pode definir o cancro?

O cancro é uma doença complexa traduzida, de uma forma simples, pela proliferação anormal e descontrolada de um conjunto de células que constituem um determinado órgão. Através da ocorrência de erros (com origens variadas) ao processo de divisão celular, estas células adquirem características malignas e a sua acumulação gera uma massa tumoral, no órgão de origem, cujo crescimento é alimentado pelo ambiente biológico que a envolve. Durante o processo de crescimento tumoral, algumas das células tumorais podem migrar para locais distantes do tumor primário (por exemplo, através da corrente sanguínea), gerando metástases, que contribuem para a propagação da doença no organismo. A ocorrência de todo este processo é individual, variando de doente para doente. Assim, cancros de origem celular idêntica podem ser, na realidade, molecularmente distintos, levando a que as decisões terapêuticas possam ser adaptadas a cada caso.

O Sistema Imunitário pode contribuir para o combate ao cancro?

A complexidade do processo cancerígeno deve-se, em parte, ao impacto que este tem nos vários sistemas do organismo, e não só nos órgãos onde residem os tumores. Um dos mais relevantes é o sistema imunitário - responsável pela defesa do nosso corpo a agentes agressores - o qual é capaz de reconhecer e destruir as células tumorais, numa fase inicial da doença. No entanto, à medida

que o cancro progride, os tumores evoluem e adotam mecanismos que permitem a fuga a esta vigilância imunitária.

Hoje, sabe-se que uma das formas que os tumores têm para contornarem o sistema imunitário consiste na expressão, à sua superfície, de moléculas que enviam sinais inibitórios às células deste sistema. Tal impede que as células imunitárias exerçam a sua atividade de combate ao tumor. Descobriu-se que bloquear estas moléculas presentes nas células tumorais permite a recuperação da atividade anti-tumoral do sistema imunitário, levando assim à destruição das células tumorais. James P. Allison e Tasuku Honjo ganharam o prémio Nobel da Medicina em 2018 devido a esta importante descoberta. De facto, este feito tem vindo a revolucionar o paradigma do tratamento do cancro, geralmente baseado na remoção cirúrgica dos tumores, na radioterapia e na quimioterapia. Assim é alargado o leque de opções terapêuticas dos doentes oncológicos. Explorar o sistema imunitário está na base da geração de diversos medicamentos inovadores, as chamadas Imunoterapias, capazes de estimular o sistema imunitário do doente para combater as células tumorais. Muitos destes medicamentos foram já aprovados pela Autoridade Regulamentar Europeia do Medicamento, EMA (European Medicines Agency) no tratamento de alguns tipos de cancro, tendo tido um grande impacto no aumento da taxa de sobrevivência dos doentes.

Qual o nosso papel na prevenção do cancro?

Apesar dos últimos avanços feitos ao nível do tratamento do cancro, com a emergência de medicamentos inovadores, é importante deixar claro que a aposta de cada um de nós deverá sempre residir na prevenção e diagnóstico precoce através da realização de exames de rastreio. A prática de exercício físico de forma regular, uma dieta alimentar equilibrada e a abolição do uso de substâncias nocivas ao organismo, como o tabaco ou o álcool, constituem pontos fundamentais, que, embora não determinantes, podem contribuir para diminuir o risco associado ao desenvolvimento de uma doença oncológica. A somar aos aspetos comportamentais e, por isso, controláveis do dia-a-dia, a monitorização periódica assistida, através de exames de rastreio, como a mamografia, a colpocitologia (teste papanicolaou) e a colonoscopia), é essencial para o diagnóstico precoce do cancro. Tal tem um grande impacto, quer no prognóstico da doença, quer no sucesso do tratamento.

Será seguro confiar em toda a informação disponível?

Outra questão de grande importância nos dias de hoje corresponde à disponibilidade e facilidade de acesso à informação, que pode ser benéfica, mas pode também levar à deturpação da realidade, promovendo comportamentos que poderão ser perigosos para o doente oncológico. Um espírito crítico na procura de informação é essencial, idealmente recorrendo à ajuda de instituições médicas ou científicas especializadas, ou associações de doentes, como a Liga

Portuguesa Contra o Cancro. Tal pode contribuir para capacitar e envolver cada doente em todo o processo de gestão da sua doença. Para além disso, este tipo de associações disponibiliza serviços de apoio social e psicológico que são fundamentais para o sucesso do tratamento e à total recuperação dos doentes.

Desta forma, graças à evolução científica e tecnológica, e à implementação de estratégias de prevenção e tratamentos cada vez mais inovadores, aquela que era considerada uma das doenças mais devastadoras, é hoje, em vários casos, tratável e com elevadas taxas de sucesso.

Autores: *Ana Cruz (Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) e Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC)), João Nuno Moreira (CNC e FFUC), Nuno Fonseca (CNC e TREAT U, SA) e Teresa Abreu (CNC e FFUC).*

Colaboração: *Liga Portuguesa Contra o Cancro*

Ilustração: *André Caetano*

Produção e revisão: *Marta Quatorze e João Cardoso*

Coordenação do projeto: *Sara Varela Amaral*